

CARTA ABERTA DOS POVOS INDÍGENAS RIBEIRINHOS DE PERNAMBUCO, SERGIPE, ALAGOAS E BAHIA, CONTRA O PROJETO DE TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO.

*"Eu me sinto muito mal, eu faço a comparação pelo nosso corpo. Nós temos as veias que levam, sangue ao nosso corpo, se a gente faz um corte o sangue vai todo embora e a gente morre. O rio é vivo, e só enquanto tem água, senão morre o rio e morre muito mais vida, porque morre o índio, morre o negro, que são ribeirinhos, e muitos bichos que precisam do rio. Eu não aceitaria que isso fosse acontecer".*

**Carlito Kiriri**

Nós lideranças dos povos indígenas ribeirinhos, Tuxá de Rodelas, Tuxá de Ibotirama, Tumbalalá, Kiriri de Muquém do São Francisco, Pankaru, Xocó e Truká, e várias lideranças dos povos indígenas de Pernambuco, Bahia, Paraíba e Alagoas: Xukuru, Kambiwá, Pankaru, Pankará, Pipipã, Kapinawá, Pataxó Hãhãhã, Potiguara e Geripankó, reunidos no I Encontro dos Povos Indígenas Ribeirinhos da Bacia do São Francisco, durante os dias 12 e 13 de março de 2005, na Aldeia Tuxá de Rodelas, com a presença de organizações não governamentais e governamentais: CESE, CIMI, ANAÍ, Centro de Cultura Luiz Freire, Fórum Permanente em Defesa do São Francisco, Sindicato dos Engenheiros da Bahia, Repensar, D.A. Pedagogia, D.A. Biologia e DCE Uneb Campus VIII, representantes da Prefeitura e da Câmara Municipal de Rodelas, representantes da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia e da Frente Parlamentar em Defesa dos Direitos dos Povos Indígenas da Câmara dos Deputados. Queremos afirmar nosso repúdio ao Projeto de Transposição do Rio São Francisco, pois a nossa sobrevivência econômica e cultural depende do rio. É deste que irrigamos a terra para plantar e pescamos o peixe para comer. Nossos rituais sagrados têm tudo a ver com o rio, nossas ciências estão nas águas do "Velho Chico". Já sofremos bastante com as transformações sofridas pelo rio, por causa das barragens e hidrelétricas que inundaram terras tradicionais, extinguíram muitas espécies de peixes e animais terrestres, destruíram parte de nossa ciência. Parte do rio onde atravessávamos a nado, hoje atravessamos a pé, nenhuma daquelas obras beneficiaram nossos povos e nem os moradores ribeirinhos provocaram o desmatamento, e, em consequência, a desertificação, além do desvio das águas para irrigação das grandes fazendas. Tudo isso, além do despejo de dejetos, esgotos e agrotóxicos, são derramados no rio, que está morrendo.

Além de tudo, queremos lembrar que, a realização desta obra a qualquer custo, rasga a Constituição Federal de 1988 e a convenção 169 da OIT, que afirmam que todos os projetos e políticas desenvolvidos pelos não-índios, órgãos governamentais e não governamentais, para os Povos Indígenas, só devem ocorrer

com a participação e anuências desses povos,. através de suas representações legítimas e do Congresso Nacional, conforme o artigo 49 item XVI – CF/88.

A transposição vai matar o que resta do rio,. Secando nossos territórios,. extinguindo o que resta dos peixes, matando nossos povos de fome, prejudicando nossa cultura de vazante, prática tradicional que não prejudica o solo e não carece de produtos químicos. A fome nos obrigaria a abandonar nossas terras.

Desejamos que o governo utilize outras alternativas à Transposição, que são mais baratas e eficientes no combate a seca, como:

- A Revitalização do rio São Francisco;
- Reativar as centenas de obras não terminadas, que ajudaram no combate à seca;
- Saneamento básico nos municípios à beira do rio;
- Dragagem (limpeza do rio);
- Reflorestamento;
- Estudo técnico sobre o uso de agrotóxicos;
- Troca de produtos químicos por orgânicos;
- Democratização da água;
- Repovoamento de nossas espécies de peixes, animais e plantas, terrestres e aquáticas, que estão em extinção;
- Construção de poços artesianos;
- Fiscalização nas grandes fazendas ribeirinhas;
- Recuperação da mata ciliar;
- Projetos de auto-sustentação para os povos indígenas;
- Indenização, por parte da CHESF, das plantações perdidas devido à abertura das comportas de suas barragens/usinas;
- Campanha para utilização racional do uso da água;
- Desobstrução dos canais clandestinos das grandes propriedades de fazendeiros e políticos;
- Incentivo da agricultura orgânica;
- Buscar alternativas nos programas de convivência com o semi-árido (cisternas de placa, barragem subterrânea, plantações adequadas ao clima, etc).
- Cumprimento dos acordos feitos entre a CHESF e os Povos Indígenas.

Temos consciência da ineficiência do Projeto, pois sabemos que muitas famílias vivem perto do rio e não têm acesso a suas águas, e não acreditamos que um mega projeto desses irá beneficiar o povo pobre do sertão.

Não somos insensíveis com relação às necessidades dos outros estados do nordeste. É preciso que o governo federal busque soluções nos referidos estados, que já dispõem de recursos hídricos suficientes, porém mau utilizados, para aplacar a sede

das populações, e propiciar um desenvolvimento local sustentável, democratizando-se o uso das águas, que por muitos anos vem sendo instrumento de dominação e da perpetuação do “coronelismo” nestas regiões.

**SIM A REVITALIZAÇÃO E NÃO A TRANSPOSIÇÃO DO “VELHO CHICO”**. Aldeia Tuxá, Rodelas, Bahia, 13 de março de 2005.